

RESENHAS

CALDERA, Alejandro Serrano.
Filosofia e crise: pela filosofia latino-americana.
Trad. de Orlando dos Reis.
Petrópolis, Vozes, 1984. 99pp.

Trata-se de um texto muito sugestivo do jovem embaixador da Nicarágua em Paris. O sub-título "Pela filosofia latino-americana" esclarece melhor o conteúdo da obra que põe em evidência um profundo conhecedor da filosofia clássica e moderna, sensível à problemática específica do continente latino-americano.

A exposição está articulada em torno de três questões fundamentais: a historicidade da filosofia, a crise do racionalismo e a possibilidade de uma filosofia latino-americana, o que lhe dá clareza e consistência.

O autor procura situar a questão da possibilidade da filosofia latino-americana no contexto da história, da filosofia e da cultura ocidental. Mostra como o racionalismo não pode ser assumido como categoria para se interpretar a realidade latino-americana, a qual se caracteriza muito mais pelo realismo fantástico de Gabriel García Márquez do que pela lógica do racionalismo grego, medieval ou moderno.

Este posicionamento implica em negar o caráter absoluto da civilização européia fundada nos valores do positivismo, industrialismo e da sociedade de consumo, contrapondo-lhe a consciência da situação específica da América Latina. Mas não se trata de inverter os termos com a absolutização da perspectiva latino-americana, pois a qualificação histórico-filosófica particular não pode excluir a universalidade da filosofia. Ao contrário, esta universalidade é reafirmada na medida em que cada experiência específica contribui para o enriquecimento e renovação das categorias universais.

Para mostrar que a idéia de uma filosofia latino-americana não constitui atentado à universalidade da filosofia, o autor observa que a filosofia ocidental se encarnou na realidade histórica da Europa e, em virtude de uma concepção etnocêntrica, o regional europeu acabou assumido como universal. A hegemonia absoluta da Europa nas ordens econômicas, política, militar, cultural e científica durou até o século XIX. Mas no século XX a situação se modifica. O centro do poder econômico e militar se desloca para os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que surge uma nova realidade: a do Terceiro Mundo em busca de sua autonomia e identidade.

É neste contexto que encontramos a América Latina com um interessante processo cultural na procura de sua afirmação e autenticidade histórica.

Uma resposta objetiva à questão da possibilidade de uma filosofia latino-americana deve ser buscada, segundo o autor, em duas direções: uma vertical, que penetre em profundidade as matrizes originais de nossa cultura; outra horizontal, que retome o ponto de partida dessa cultura que nos foi imposta pela força mas que, queiramos ou não, faz parte de nossa realidade histórica.

Este seria um dos caminhos para a filosofia latino-americana: aprofundar o conhecimento de nossas raízes culturais européias e, após, empreender a busca da própria identidade.

As ciências sociais vêm contribuindo de forma significativa nesta busca de identidade e cultural. Mas como a questão é complexa, ultrapassamos o plano

estritamente econômico e social, cabe à filosofia desempenhar um papel decisivo nessa importante tarefa.

Partindo do princípio de que a totalidade da verdade não pode ser alcançada por uma só escola e sistema, o autor chama a atenção para o fato de que todas as épocas e culturas têm dado a sua contribuição a essa tarefa comum da humanidade. Não existe, pois, uma divisão absoluta e compartimental entre os que possuem a verdade e os que não a possuem, mas uma relação dialética entre as diferentes correntes de pensamento, escolas, sistemas, culturas e civilizações que dão no produto cultural a sua universalidade. Por isso a filosofia latino-americana é uma possibilidade de contribuição para forjar uma dimensão nova e universal do homem, da cultura e do mundo a partir de uma dada situação histórico-cultural. É uma possibilidade, pois no momento é algo a ser construído, mas o início dessa construção já é uma realidade presente no pensamento e na ação de numerosos filósofos latino-americanos, os quais, ao formular teoricamente a construção entre dominação e libertação, estão contribuindo para a elaboração de uma nova ética que deverá levar à superação definitiva do eurocentrismo.

José Silveira da Costa

Departamento de Filosofia da UFRJ e da UERJ

BRUM, Argemiro J.

O desenvolvimento econômico brasileiro

4ª ed. Petrópolis, Vozes; Ijuí (RS), FIDENE, 1984. 220 p. (Série FIDENE).

O autor possui uma formação muito ampla nos domínios da filosofia, letras, antropologia, educação e história econômica do Brasil, uma formação profissional, superior inspirada e temperada no confronto com a realidade regional e nacional. É que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, no Noroeste do Rio Grande do Sul, próxima da Região das Missões, nasceu há mais de 25 anos inserida, desde o início, nos desafios do contexto da região. Mantida pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE), a instituição foi-se ampliando e amadurecendo num intercâmbio permanente com a problemática regional, sem perder de vista o País e a América Latina, até se constituir em Universidade, a atual UNIJUÍ. Esta nasceu e vem crescendo como resposta a uma vocação regional, o que é muito raro na criação das instituições de nível superior no Brasil. A Faculdade e, hoje, a UNIJUÍ, por seus mestres e estudantes, têm criado e animado até o presente momento uma experiência pioneira, o Movimento Comunitário de Ijuí, de que teve a sorte providencial de participar durante três anos. É praticamente impossível querer transpor para o escasso espaço de uma resenha a riqueza, os percalços, as lutas e iniciativas da caminhada original da comunidade ijuíense. Realmente, o termo "comunidade" traduz, numa linguagem filosófica e sociológica, a riqueza do movimento.

O prof. Argemiro (e é assim que os estudantes o chamam até hoje), como um dos principais inspiradores e animadores do movimento, escreveu sobre essa experiência um livrinho interessantíssimo, intitulado **Uma comunidade em busca do seu caminho**, em co-autoria com o prof. Mario Osorio Marques, iniciador e ainda animador do Movimento Comunitário de Ijuí. O "movimento", iniciado em 1961, conseguiu sobreviver nos anos negros da perseguição e do controle repressivo dos órgãos de segurança, demonstrando uma resistência, uma perseverança e um heroísmo sobre-humanos. Vários de seus membros sofreram incompreensões e vexames. A experiência saiu revigorada, permitindo à UNIJUÍ realizar ensino, pesquisa e extensão num espaço verdadeiramente regional. Se o autor de **A força do povo: a democracia**

em Lages conhecesse de perto o Movimento Comunitário de Ijuí e dele participasse durante um certo tempo, certamente nos daria uma outra obra. Assim, Tetê Porciuncula Moraes poderia pensar num outro filme à maneira de "Um mutirão de vida nova nos municípios brasileiros: Lages, a força do povo". Ficam aqui as sugestões.

Essas ponderações introdutórias levam-nos a melhor compreender como e em que contexto surgem e, geralmente, são escritas as publicações de professores e pesquisadores da UNIJUÍ. Para eles, a sala de aula não é apenas entendida como um espaço físico e cultural limitado. Ela abrange esse espaço humano riquíssimo da comunidade regional, em que se realizam o questionamento e a discussão, a caminhada e a ação de um "movimento". O prof. Argemiro, com larga experiência no magistério de 2º e 3º graus, escreve respondendo a desafios e à confrontações, percebidos no trabalho junto a grupos humanos, constituídos e organizados em defesa de suas aspirações, discutidas e levantadas nas reuniões e assembleias do Movimento Comunitário. Deste participam todos os segmentos da comunidade, comprometidos com um projeto, discutido e construído no dia-a-dia: agricultores, operários urbanos, dirigentes sindicais, associações de bairros, professores e estudantes dos três graus, empresários, associados e dirigentes de cooperativas, líderes religiosos. O livro do prof. Argemiro atende às exigências sentidas e expressas pelos diversos grupos humanos. Aí está uma explicação fundamental da gênese de suas publicações. A simplicidade e a densidade de linguagem caracterizam sua comunicação, deixando o "econômico" e o estilo hermético e esotérico a certos intelectuais completamente distanciados dos verdadeiros problemas e dramas humanos.

O prof. Argemiro já publicou as seguintes obras: **Por que o Brasil foi ao fundo** (Vozes, 1983), **Modernização de agricultura no planalto gaúcho** (FIDENE, 1983), **O Brasil no FMI** (Vozes, 1984) e **A comercialização no contexto econômico** (Vozes, 1983).

O desenvolvimento econômico brasileiro não se dirige a especialistas, embora possa trazer-lhes uma síntese útil e proveitosa. O próprio autor explicita na Introdução seus objetivos. "Trata-se de uma abordagem introdutória, sucinta e despretenciosa, destinada a estudantes e pessoas interessadas em ter uma visão global resumida do processo brasileiro, escrita em linguagem acessível" (p. 7). Dentro dessa abordagem, julga ser possível a divisão do processo econômico brasileiro em três fases mais ou menos distintas: a) a fase primário-exportadora (1900-1930); b) a fase da tentativa da construção de um desenvolvimento nacional e autônomo: o processo de industrialização via substituição de importações (1930-1964); c) a fase de desenvolvimento associado dependente (aprofundada a partir de 1964, embora o seu início tenha ocorrido marcadamente na segunda metade da década de 50).

Após haver caracterizado o capitalismo monopolista internacional e suas implicações, o A. faz uma descrição crítica do modelo econômico primário-exportador, frisando a natureza e a intenção do projeto de Portugal na América, bem como a situação de dependência econômica e cultural do Brasil. A crise de transição da década de 20 caracteriza-se pelas mudanças econômicas e sociais, pela contestação do sistema político, pela emergência do nacionalismo, pela revolução estética e renovação espiritual. O Brasil inicia o processo de industrialização via substituição de importações. E aqui é feita uma análise do modelo de desenvolvimento nacional e autônomo e do modelo de desenvolvimento juscelinista. No estudo da crise de 1961 a 1964 são tratados os seguintes itens: os posicionamentos ideológicos anteriores, a ativação da consciência política popular, a emergência das esquerdas como força política autônoma e as "reformas de base", a radicalização do processo político-ideológico, quem é quem no confronto de forças (reformismo revolucionário e conservadorismo reacionário). Em relação à terceira fase, que compreende os últimos vinte anos, faz uma análise um pouco mais detalhada, em razão do

interesse de compreender melhor a realidade presente. O modelo de desenvolvimento associado dependente (1964 –) possui entre outras as seguintes características: desenvolvimento capitalista, periférico, associado, dependente, exportador, concentrador e excludente. O projeto Brasil-potência mundial, opção do governo Geisel, é tratado em um capítulo muito importante, mostrando o fracasso do projeto, o comportamento das empresas nacionais e estrangeiras. Quanto à política econômica do governo Figueiredo, ressalta as prioridades econômicas (combate à inflação, desenvolvimento da agropecuária, equilíbrio do balanço de pagamentos, o problema energético e a busca de alternativas para o petróleo) o 111 Plano Nacional de Desenvolvimento 1980-1985, as linhas da política econômica, a conjuntura nacional e as perspectivas para o futuro.

Após enfatizar que o problema crucial desse modelo não é tanto de natureza econômica, quanto ideológica, repete a constatação sentida pelo povo no dia-a-dia e expressa pelos intelectuais mais esclarecidos. "Este modelo, como já a experiência o demonstrou sobejamente, socializa os sacrifícios e concentra em poucas pessoas os benefícios, além de agravar a dependência externa, tornando o país cada vez mais vulnerável aos altos e baixos da economia sob o comando do capitalismo monopolista internacional" (p. 197). É preciso lembrar que o Brasil é um país-continente, ocupando o quinto lugar no mundo em extensão e nele se encontrando abundantes recursos naturais. É o sétimo país do mundo em população, tendo, no entanto, um grau de escolaridade e um nível cultural da grande maioria da população ainda muito abaixo das reais necessidades e possibilidades. Ademais, os brasileiros não temos idéia clara do que queremos e de como realizá-lo. A sociedade globalmente continua subdesenvolvida, enquanto uma minoria se moderniza, copiando e imitando o que as sociedades consideradas adiantadas criam e inventam. Feitas essas constatações, quatro alternativas possíveis se apresentam a quem pensa os problemas de um modelo brasileiro de desenvolvimento: a) a continuidade do modelo dependente; b) a criação de uma indústria mais agressiva no mercado externo; c) a retomada do modelo de desenvolvimento nacional e autônomo; d) a construção de uma sociedade socialista. Quanto às estratégias com vistas à reconstrução do sistema econômico brasileiro, retoma de Celso Furtado cinco pontos principais: a) a elevação imediata da taxa de poupança interna disponível para investimentos reprodutivos; b) a modificação profunda da forma de inserção da economia brasileira no sistema de divisão internacional do trabalho; c) a liberação da massa da população rural vítima do atual processo de modernização que a condena à miséria; d) a necessidade imperiosa de repensar o problema da organização do espaço; e) a necessidade de opções para a transformação das imensas potencialidades do país em realizações concretas a serviços de todos os brasileiros.

As considerações finais da obra indicam a intenção do seu autor. "O verdadeiro desenvolvimento reside fundamentalmente no potencial criador do povo. E na atuação efetiva deste potencial com vistas à realização do próprio projeto nacional. Um Brasil dos brasileiros, pelos brasileiros, para os brasileiros e com os brasileiros é obra coletiva. A tarefa de abrasileirar o Brasil requer um grande esforço de conscientização popular, de aprofundamento da cultura nacional, de organização e fortalecimento da sociedade e de ativação de nossas imensas potencialidades — com os brasileiros assumindo o papel de sujeitos de sua própria história" (p. 215 – 6).

Alino Lorenzon
Departamento de Filosofia da UFRJ e UGF

SÃO BOAVENTURA. Obras escolhidas. Organização e apresentação de Luis A. De Boni; vida de São Boaventura, por Mesquita Pimentel; trad. de Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei Saturnino Schneider. Porto

Alegre, EST e Sulina; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1983. XLII + 489p. (Coleção Suma, 12). Edição bilíngüe: Português-latim.

A publicação da obra resulta da iniciativa, da perseverança e audácia intelectuais do prof. Luis A. De Boni e, ao mesmo tempo, da coragem editorial das instituições acima referidas, da colaboração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Editora Vozes, Filial de Porto Alegre. Responsável pela cadeira de História da Filosofia Medieval no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o prof. De Boni lançara, anteriormente, a edição bilíngüe da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, em onze volumes, no mesmo estilo editorial.

O empreendimento de publicar as **Obras escolhidas** de São Boaventura é muito importante não somente para quem trabalha no campo da História da Filosofia Medieval, mas para todo estudioso do pensamento e da cultura medievais. Caracteriza-se pela seriedade de seleção, da apresentação e da tradução dos textos, cuidadosamente trabalhos e documentados. Há muito tempo que uma iniciativa dessa natureza devia ter sido realizada em benefício da divulgação e do aprofundamento do pensamento medieval e moderno.

À possível objeção, um tanto pragmática, levantada a respeito da atualidade da filosofia e da teologia de São Boaventura, o prof. Ernildo Stein, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, responde nas orelhas da obra ressaltando contribuições muito originais, principalmente no domínio do discurso, das coisas e da moral. Apoiada em farta documentação, a introdução do prof. De Boni facilita a compreensão do pensamento bonaventurino, em particular para quem não possui maiores conhecimentos. Ademais, a apresentação de Mesquita Pimentel, transmitindo, de maneira simples e concisa, informações necessárias, referentes à vida, caráter e doutrina espiritual de São Boaventura, amplia e completa a introdução.

São os seguintes os textos do presente volume: Brevilóquio; Itinerário da mente para Deus; Redução das ciências à Teologia; As seis asas do serafim; O governo da alma — Solilóquios sobre os quatro exercícios mentais; A árvore da vida; A perfeição da vida; Tratado da preparação para a missa; Vinte e cinco memoriais sobre a vida espiritual; Carta sobre a imitação de Cristo; As cinco festividades do Menino Jesus. Esses títulos, por si sós, não expressam, de maneira adequada, a riqueza intelectual do pensamento de São Boaventura. No entanto, se nos detivermos, embora superficialmente, no testemunho do franciscanismo no mundo de hoje, em particular no Brasil, dar-nos-emos conta de suas importância e atualidade. O abandono ou o pouco caso da literatura filosófica medieval no Brasil não poderão ser agora justificados pela ausência de bons textos. Realmente, é preciso ter uma paciência beneditina e uma doação franciscana para lançar no Brasil uma obra, em edição bilíngüe, sem erros ou senões de qualquer natureza, nas precárias condições de trabalho intelectual, por todos nós sobejamente conhecidas. Para o bom conhecedor de latim, dificilmente surgirão restrições sérias e fundadas quanto à tradução.

À boa acolhida da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino possa responder a mesa aceitação da obra de São Boaventura, fazendo votos de que a iniciativa venha motivar e estimular os profissionais da Filosofia, as instituições universitárias e científicas, a ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) e as editoras a dar continuidade, no Brasil, ao empreendimento do prof. De Boni, publicando os grandes textos da Filosofia em edição bilíngüe. A idéia e a sugestão seriam bem mais facilmente realizáveis, sobretudo após o enorme sucesso da coleção "Os Pensadores", da responsabilidade do prof. José Américo Pessanha.

Alino Lorenzon
Departamento de Filosofia da UFRJ e UGF.

PASCAL, Georges.

O pensamento de Kant.

Introdução e tradução de Raimundo Vier. Petrópolis, Vozes, 1983. 195p.

A tradução do livro de G. Pascal torna mais acessível ao leitor brasileiro o pensamento kantiano. Responsável pela coleção francesa *Pour connaître*, da editora Bordas, e Diretor de Ensino na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Grenoble, G. Pascal nos apresenta um trabalho sobre Kant num estilo simples, claro e documentado, qualidades ressaltadas na Introdução pelo próprio tradutor. "Um dos traços salientes do estudo que ora apresentamos em versão portuguesa é, sem dúvida, o fato de nada ali se afirmar sem apoio nos textos do próprio Kant. Toda a exposição se reduz a uma alternância de citação e exposição: garantia segura de que se trata, realmente, de uma elucidação, no sentido desejado por Kant, e não de uma "interpretação" mais ou menos arbitrária, subjetiva ou tendenciosa" (p. 7 — 8).

Para termos uma idéia aproximativa da temática desenvolvida por G. Pascal, a leitura do sumário, em quatro capítulos, ajuda-nos a compreender o entendimento: I. Kant e o kantismo: biografia, bibliografia e a idéia crítica. II. Filosofia do conhecimento: a estética, a analítica e a dialética transcendentais. III. A lei moral: a fundamentação da metafísica dos costumes, Crítica da razão pura e a metafísica dos costumes. IV. O homem, o mundo e Deus: a crítica do juízo e a religião dentro dos limites da simples razão. O sumário mostra que os grandes temas, os temas fundamentais, do pensamento kantiano são tratados por G. Pascal. E isto é feito de maneira muito pedagógica, conduzindo o leitor a percorrer as etapas sucessivas do projeto do filósofo de Königsberg. A exposição se apresenta estruturada com freqüentes citações, convidativas a percorrer um itinerário, coberto de "espinhos que cobrem a senda da crítica" (p. 12). É que o homem não pode ser reduzido a uma pura abstração, a um conceito lógico. "Há em Kant o empenho moral de um homem animado pela fé. O espírito humano não é apenas e nem mesmo principalmente, um entendimento; é também, e sobretudo, uma razão. O homem é um ser que tem idéias; e ter idéias é representar-se um ideal que não se molda pela realidade, mas pelo qual, ao contrário, se procura moldar a realidade" (p. 191 — 2). Essas afirmações sintetizadoras, contidas na conclusão, retratam bem o projeto filosófico de Kant e sua preocupação com o agir.

O suplemento bibliográfico traz as obras de Kant, existentes em tradução vernácula. Quanto à lista de estudos sobre Kant em português, estão ausentes trabalhos muito importantes. Tomo a liberdade de sugerir a inclusão, na próxima edição, entre outros, dos seguintes trabalhos: ROHDEN, Valério. *Interesse da razão e liberdade*. Ática, 1981. 182p. (Ensaio, 71). OLIVEIRA, Manfredo Araujo de e outros. *Kant*. Editora Universidade de Brasília, 1981. 83p. (Cadernos UnB). Esse estudo reúne os trabalhos, apresentados na Segunda Semana de Filosofia, promovida pelos professores de Filosofia na UnB em 1978.

A tradução de Raimundo Vier é muito boa, tendo tido o cuidado de "conferir todos os textos mais importantes com o original alemão" (p. 8), afastando-se das interpretações adotadas pelo autor do livro, quando necessário em vista de maior fidelidade ao original.

Dado o crescente interesse pela filosofia no Brasil de hoje, e apesar das dificuldades de toda ordem, desejamos que a VOZES continue a publicar outros textos dessa natureza. São introduções, muito úteis, para quem se inicia no conhecimento e no estudo dos grandes pensadores da humanidade.

Alino Lorenzon

Departamento de Filosofia da UFRJ e UGF